Ano XI — Lisboa, Março de 1956 — N.º 131

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

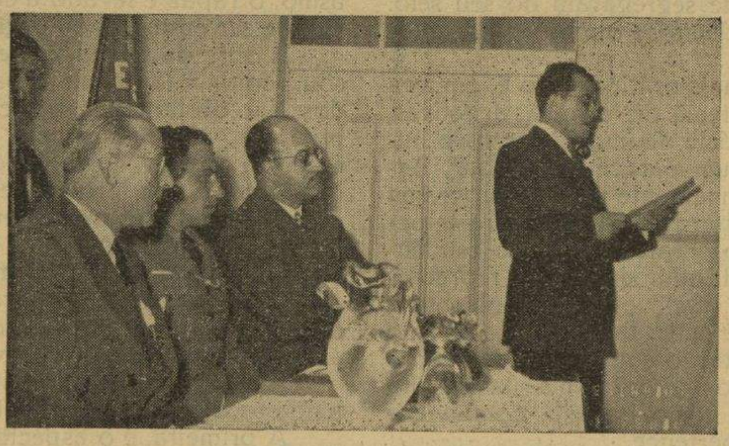
O PENSAMENTO DE BADEN-POWELL

(Conferência pronunciada por Joel Ribeiro na sessão inaugural da II Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos)

Senhor Presidente,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores,
Prezados Camaradas:



Quando Baden-Powell, após a sua magnífica vitória de Mafeking, respondeu à mensagem de felicitações de um clube de jovens da sua pátria, fê-lo em termos tais que merecem um pouco de reflexão. Diz ele: «Não vos contenteis com lutar passivamente contra os maus hábitos, mas sede activos pelo bem. Entendo que para isso, devereis tornar-vos úteis, tendo atenção para com os outros, quer estes sejam vossos amigos, quer sejam estrangeiros. Isto não é muito difícil e o melhor meio de conseguir esse resultado é fazer diàriamente uma boa acção. Assim, adquirireis o hábito de, dia após dia, prestardes serviços. Pouco importa que a boa acção seja modesta. Poderá consistir em ajudar uma velhinha a atravessar a rua ou em defender alguém de quem se está dizendo mal. O importante é fazer *qualquer coisa*».



Joel Ribeiro lendo a sua conferência, vendo-se da esquerda para a direita os srs. Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, moderador do Sínodo Nacional da Igreja Presbiteriana; Chefe Armando Lino, do Grupo 53; Paulo Maurício, director da Juventude Evangélica Portuguesa, em cuja sede se realizou a sessão.

Estas palavras testemunham, todas elas, um programa de orientação pessoal. Analisando-se a vida do notável fundador do escotismo, impressiona-nos profundamente o afã de realizar, de que deu bastas provas. O seu espírito organizador, em todas as actividades a que se dedicou, frutificava sempre da melhor maneira, definindo conceitos, delineando programas, tapando lacunas, apontando sugestões. O escotismo foi um dos frutos desse desejo ingente de fazer *qualquer coisa*, dessa auto-determinação de realizar, de dar forma a ideias oferecidas por uma vida intensa de empreendimentos, servida por um cérebro privilegiado.

Quando comparamos a vida de Baden-Powell com o Escotismo, encontramos algo que nos reclama a atenção: parece-nos que o famoso general britânico viveu expressamente para realizar o Escotismo, tal o entendimento, a identificação, diremos melhor, a interpenetração do Fundador e da sua obra. E realmente assim é.

Cada um dos sucessos da vida do general Baden-Powell fornece elementos de preponderante valor para a arquitectura do seu sistema educativo. O pensamento de Baden-Powell não é, portanto, apenas uma sistematização de ideias; é, além disso, a consequência natural da conjugação de diversos factores concorrentes que encontraram na personalidade do seu autor condições excelentes de frutificação.

É esta disposição espiritual do Fundador, que torna o Escotismo sublime, pois, como diz Ségur, «os grandes pensamentos não podem germinar nem se desenvolver senão nas grandes almas».

Embora o método powelliano se baseie muito no grande somatório de ideias colhidas através das mil e uma evoluções da sua vida agitada, seja no contacto íntimo com povos de diversas raças, seja à custa das duras provas a que foi submetido, uma análise cuidada revela-nos todavia que a grande força desse método se firma especialmente no estabelecimento de normas para pôr em acção princípios pedagógicos simples e claros, não sem antes promover a definição exacta do objectivo proposto.

Seguindo a linha do pensamento de Baden-Powell, investiguemos, em primeiro lugar, as tendências genéricas e peculiares do adolescente.

Diz o professor Casson: «Julgando por minha experiência pessoal, direi que os rapazes possuem um mundo próprio, criado por eles mesmos. Esse mundo tem os seus acontecimentos, o seu código, padrões, intrigas e até mesmo uma opinião pública peculiares. Os rapazes conservam-se fiéis ao seu mundo e ao seu próprio código. O código do professor é o do silêncio, do cuidado, da segurança e do decoro. O código do rapaz é diametralmente oposto: proclama ruído e algazarra, risco e perigo, aventuras e sensação. Ninguém viu alguma vez um rapaz que, no

(*Continua na 2.ª página*)

O PENSAMENTO DE BADEN-POWELL

(Continuação da 1.ª página)

meio das suas correrias e brincadeiras lá fora, viesse de repente pedir a sua mãe que o deixasse ir sentar-se na sala. Um rapaz não é um animal doméstico. Não é sedentário nem nasceu para ficar sentado. Não é pacífico, nem acredita que acima de tudo deve estar sempre a segurança pessoal. Não é filósofo nem papa-livros. É simplesmente um rapaz, transbordante de alegria, combatividade, fome, audácia, travessuras, barulho, espírito de observação e vivacidade».

Baden-Powell conheceu perfeitamente este rapaz, este rapaz que, como ele próprio afirma, não é uma primeira edição do homem adulto. Conhecia que esse pequeno ser é inexperiente, mas possui uma imaginação fecunda e um bom humor, iamos a dizer permanente. De sua própria natureza, é corajoso, leal, sensível e inconstante; gosta de brincar e tem grande sede de aventura; sabia que apesar de o rapaz sentir grande confiança em si próprio, carecia de ser encorajado nos seus empreendimentos.

Um sistema educativo para a juventude precisava, e Baden-Powell compreendeu-o bem, de levar em conta estes predicados e estas deficiências do adolescente. Na forma como alcançou este desiderato, baseia-se o êxito do escotismo, o qual reside exactamente em não ter sido organizado segundo os preceitos defendidos pelo consenso geral. Baden-Powell estabeleceu, em vez disso, um movimento vasado em moldes totalmente diversos, um movimento que tem por protagonista o rapaz e onde tudo é feito com o objectivo, puro e simples, de o servir no seu espírito ardente e na sua ânsia de realizar, de competir e de confraternizar. Assim, Baden-Powell, com maestria, procede à reabilitação do rapaz, esse elemento que as leis solenes e tensas da sociedade segregaram do seu seio.

Como é que em Escotismo se opera esta reabilitação?

Utilizando os meios mais práticos, isto é, em vez de sobrecarregar o seu sistema de fórmulas negativas, recorrendo a toda a espécie de impedimentos e inibições que a prática comum parece aconselhar, Baden-Powell decidiu-se francamente por um programa aberto a uma acção transbordante de aventura, impedindo a manifestação e o enraizamento de tendências mórbidas, não à custa de admoestações e repreensões, mas monopolizando a atenção do adolescente, toda ela solicitada por uma actividade sã, cujo padrão e desenvolvimento despertou o entusiasmo dos rapazes, em virtude de se harmonizarem com a sua maneira de ser, com o seu próprio gosto, ou seja, com o código do mundo que lhes pertence.

Este processo de orientação dos programas escotistas é esclarecido pelo fundador com a seguinte ilustração:

«Gosto de comparar um homem que deseja atrair os jovens às boas influências com um pescador que procura, naturalmente, fazer uma boa pescaria. Se este puser no anzol, como isca, a comida que ele próprio aprecia, é provável que não pesque muitos peixes e, entre estes, nenhum dos mais tímidos e esquivos. Por isso, o pescador usa como isca, não a sua própria comida, mas aquela de que o peixe gosta. O mesmo acontecerá com os rapazes: se fordes tentar orientá-los com assuntos e sermões que considerais elevados, não conseguireis cativar nenhum deles».

O segredo do Escotismo e do seu êxito assenta fundamentalmente em se procurarem os meios práticos para se alcançarem os resultados desejados. Oferecendo-se a isca conveniente ao rapaz, por meio de um programa recheado de novidades, atraente, variado, tê-lo-emos à nossa disposição para lhe incutirmos os preceitos de uma melhor concepção da vida e desenvolvendo-lhe as capacidades que o poderão tornar um indivíduo eficiente na sociedade onde, mais tarde, será integrado.

Seria fastidioso e pouco aproveitável enunciar aqui, ainda que sucintamente, alguns dos trabalhos sugeridos por Baden-Powell para tornar frutuosa a prática do escotismo. No entanto, será talvez interessante fazer breve referência à forma como o escotismo responde às tendências do adolescente, a fim de provarmos a eficiência do método.

Neste sentido, observamos que o espírito de aventura é cabalmente satisfeito com os grandes jogos colectivos, a vida no campo, o conhecimento da natureza, o seguimento de pistas e os acampamentos. O senso de responsabilidade desenvolve-se com o desempenho de pequenas tarefas e com as reuniões dos conselhos de guias e da patrulha; o idealismo juvenil pela adopção da lei e da promessa escotistas, pelo culto a Deus, pelo amor à Pátria e pela estimulação da mística escotista; o altruísmo, pelo serviço ao próximo, a prática cotidiana da boa acção e dos primeiros socorros; o instinto de competição satisfaz-se mediante jogos, concursos e a emulação entre as patrulhas; finalmente, o espírito gregário é incentivado pela vida na patrulha.

Eis uma súmula dos meios utilizados pelo escotismo para promover educação, regras subtis e práticas para atingir os objectivos propostos, não à custa de constrangimentos, mas produzindo no educando o culto dos altos valores morais, e gerando nele o gosto de se aperfeiçoar a si próprio. É fundamentado neste princípio que Baden-Powell proclama que, em escotismo, o rapaz é levado a educar-se a si próprio, em vez de ser ensinado ou instruído.

A obra de Baden-Powell, de tão eficaz, ultrapassou, rápida e largamente, os limites por ele consignados. Não obstante ter sido concebido para a juventude britânica, alastrou-se pelo mundo inteiro, provando, em toda a parte, a sua malealibidade, o seu valor pedagógico, o seu forte poder de penetração, isto porque o pensamento de Baden-Powell não se fundava em simples abstrações, mas era a metodização clarividente de uma experiência amadurecida, era a definição de objectivos concretos, era a resposta a uma necessidade, era, enfim, um oferecimento de meios de acção exequíveis, convenientes e vantajosos.

Antes de terminar estas considerações, desejo ainda focar duas características do escotismo.

A primeira, é o aspecto individual da formação escotista.

É um erro supor-se que o nosso trabalho educativo pode ser aplicado em série, isto é, em grandes massas de escoteiros. Tal opinião é equívoca e contraria um do princípios fundamentais do movimento.

Baden-Powell preconizou sempre a acção individual como o meio capaz de oferecer resultados positivos na educação do adolescente. O chefe tem a responsabilidade de velar por que, por meio de uma acção directa, se desenvolvam as qualidades de carácter do educando. E não devemos esquecer que, segundo o pensamento de Baden-Powell, carácter é o conjunto de predicados, bons ou maus, que combinados formam a natureza de um homem. Uma tal tarefa só se consegue levar avante através de um contacto directo entre educador e educando.

É por este motivo que o Fundador recomenda que o efectivo de um grupo não exceda 32 escoteiros, porque, como ele refere, pode-se instruir qualquer

(Conclui na 3.ª página)

O PENSAMENTO DE BADEN-POWELL

(Conclusão da 2.ª página)

número de jovens. Se tiverdes uma voz forte e um processo bom e agradável de manter a disciplina, podereis até instruir um milhar deles ao mesmo tempo. Mas isso não é adestramento nem educação. Educação é formar o carácter e forjar homens».

A segunda característica do escotismo é a vida no campo.

Ouvem-se, por vezes, coros de lamentações asseverando que a formosa árvore do escotismo não ostenta, em toda a parte, a mesma generosidade de frutos. Uma análise a preceito deste facto, demonstra, contudo, que esse definhamento é motivado por desvios mais ou menos pronunciados do pensamento original.

Baden-Powell, reconhecendo a real valia do contacto íntimo com a natureza, deu ênfase especial às actividades de campo, chegando mesmo a afirmar que a finalidade da criação do escotismo era exactamente para desenvolver ao máximo o hábito da vida ao ar livre».

Mais adiante, sublinha ainda:

«Ar livre é o objectivo verdadeiro do escotismo e a chave para o seu êxito. Infelizmente, com a excessiva vida da cidade, estamos desvirtuando o nosso objectivo e trocando as coisas. Não constituímos um clube, nem uma escola que funciona aos sábados, mas somos, sim, a escola dos bosques. Precisamos de viver mais ao ar livre, para saúde dos corpos e das almas, tanto dos escoteiros como dos seus chefes».

Estas considerações do chefe mundial dos escoteiros têm tido completa confirmação na prática comum. Aqueles que de perto seguem a actividade do escotismo, não têm dúvida em reconhecer que os grupos de escoteiros estiolam dentro das sedes quando não se lhes dá azo a receberem uma lufada do ar fresco dos campos.

A vida ao ar livre é um elemento poderoso para atrair e cativar os rapazes, despertando-lhes e satisfazendo-lhes a sede de aventura, com os seus acontecimentos inesperados, as cozinhas improvisadas, os jogos através das florestas e bosques, o expediente do caminheiro e as alegres canções do fogo do conselho.

Prezados amigos:

Nesta resenha do pensamento de Baden-Powell, é-nos dado observar, com desvanecimento, a propriedade e a utilidade dos diversos atributos deste admirável método educativo; um pormenor ressalta desta análise: é o de que ele tem sempre uma resposta para qualquer dificuldade, um preceito para atingir determinado objectivo, uma flexibilidade que lhe permite adaptar-se as mais variadas circunstâncias a todos os povos, a todos os credos.

Os votos que poderemos fazer neste momento é de que os dirigentes escotistas portugueses se apercebam completamente dos princípios que enformam o nosso movimento, construindo dentro das suas fileiras o mundo do rapaz, defendendo o seu código e tornando-se os irmãos mais velhos dos seus escoteiros. Só assim poderemos contribuir para que o escotismo não seja meramente um passatempo de ociosos, mas a forma de sentir e de viver uma juventude que cresce em beleza, de uma juventude que se proclama possuidora de um conceito de vida mais nobre, mais feliz, mais humano.

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM
PESSOAL ESPECIALIZADO
●
QUINTINO, L.DA



RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De Luto—Pelo falecimento de seu pai, sr. Luís da Silva Aço, ocorrido em fins de Fevereiro passado, encontram-se de luto os nossos estimados assinantes srs. Luís de Campos Aço, antigo director do grupo 94 e hoje ausente em Moçâmedes, e António de Campos Aço, a quem apresentamos condolências sentidas.

● Também se encontra de luto, por falecimento de seu sogro, o sr. Miguel Cunha Garcia, antigo componente da banda do grupo 84 e actual membro da sua Direcção. A banda fez-se representar por 4 dos seus membros uniformizados. Apresentamos os nossos sentidos pêsames ao sr. Cunha Garcia e a sua família.

● Pelo falecimento de sua mãe, sr.ª D. Teresa de Jesus Nobre Duarte Silva, ocorrido em 5 do corrente, encontra-se de luto o sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, Escoteiro-Chefe-Geral dos Escoteiros de Portugal, nosso prezado amigo e assinante, a quem «Sempre Pronto» expressa as suas mais sentidas condolências.

Joga com lealdade e exige jogo leal aos outros
—B.-P.

Boa Acção «Lopo de Carvalho»

No Domingo, dia 4 do corrente, o grupo n.º 79 realizou uma simpática boa acção oferecendo roupas, géneros de mercearia, pão e brinquedos a 18 pobres da freguesia de Alcântara.

Ao acto assistiu o Delegado Regional sr. dr. Eugénio Henriques Ramos, dirigentes e escoteiros dos grupos 2, 9, 13, 79, 85, e 94, dirigentes da equipa «Flor de Lis», famílias e sócios do grupo.

Esta boa acção, já tradicional no Grupo 79, que levou um pouco de alegria a muitos lares desprotegidos, teve este ano um significado especial. Ela tinha sido projectada e organizada pelo antigo chefe administrativo sr. Lobo de Carvalho, pai do chefe Fernando de Carvalho, que por motivo de doença e falecimento não a executou, embora tivesse, até aos seus últimos momentos, mostrado o maior empenho por ela. Foi, por isso, que o Conselho de Guias do grupo resolveu dar o nome do Chefe Lobo de Carvalho à boa acção deste ano.

O chefe do grupo lembrou este facto em palavras sentidas de muita saudade e o dr. Eugénio Ramos prestou homenagem às qualidades e dedicação do falecido chefe administrativo do «79», em memória de quem foi guardado um minuto de silêncio por todos os presentes.

Mensagem do Presidente dos Estados Unidos da América aos Escoteiros reunidos no Jambori no Canadá

Casa Branca
Washington
25 de Julho de 1955

Caro Dr. Schuck:

Peço-lhe o favor de apresentar as minhas saudações ao membros do contingente americano no oitavo Jambori Mundial.

Esta reunião de Escoteiros e dos seus dirigentes, de vários países, ajudará a fortalecer, por meios não acessíveis aos governos por si só, os laços duma compreensão e amizade internacionais. Demonstrará que os princípios de respeito, de auxílio e de honra pessoal, em que o Movimento Escotista se baseia, são válidos em quaisquer ocasiões e locais, e que as qualidades morais que fazem dum Escoteiro um bom cidadão no seu país, são as qualidades com as quais se habilitam, bem como aos seus companheiros, a viverem como bons vizinhos com povos de outras partes do mundo.

Sei que o vosso Jambori será inspirador e agradável. Os meus melhores votos para todos vós.

Sinceramente

a) Dwight D. Eisenhower

A II Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos constituiu



O Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos usando da palavra, vendo-se à sua direita o Rev. João Soares de Carvalho, representante do Sínodo da Igreja Lusitana

De 22 a 26 de Fevereiro passado, os escoteiros evangélicos da Capital (e isto pela impossibilidade de comparência dos dirigentes escotistas evangélicos de outros pontos do País) estiveram reunidos a tratar de problemas referentes à organização dos seus grupos, tendo sido focados assuntos de grande interesse e aprovadas as conclusões que publicamos em separado.

No dia 22, comemorando a passagem do «Dia do Pensamento», realizou-se a sessão solene de inauguração de trabalhos no salão nobre da Juventude Evangélica Portuguesa, que esta colectividade fez a fineza de pôr à disposição dos escoteiros evangélicos.

Presidiu à sessão o sr. Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, da Direcção do Grupo n.º 94, como Moderador do Sínodo Nacional da Igreja Presbiteriana de Portugal; tendo a ladeá-lo o sr. Rev. João Soares de Carvalho, representando o Sínodo da Igreja Lusitana, Católica, Apostólica, Evangélica; o chefe Armando Lino, o sr. Paulo Maurício, Director da Juventude Evangélica Portuguesa e o director do nosso jornal.

Depois de o Rev. Vasconcelos ter dado início à reunião, o director deste jornal tomou a palavra para fazer alguns esclarecimentos sobre o significado da data que se estava comemorando, e para agradecer a presença de todos que ali se tinham deslocado para assim colaborar nos trabalhos que se iniciavam, apesar da noite tempestuosa.

O chefe Armando Lino fez, a seguir, a apresentação do conferente, o nosso camarada de trabalho sr. Joel Ribeiro, o qual proferiu então a conferência subordinada ao tema «O Pensamento de Baden-Powell», que publicamos na íntegra noutro lugar.

O Rev. Carlos Vasconcelos proferiu umas breves palavras de encerramento, findas as quais esta parte da reunião foi encerrada.

Seguiu-se um breve programa de poesias e de canções escotistas que esteve a cargo de alguns escoteiros e guias dos grupos evangélicos presentes.

Entre a assistência, além das deputações dos grupo de escoteiros n.ºs 10, 53, 94 e «Pedro Álvares Cabral», e das companhias de guias «Rainha D. Leonor» e «D. Filipa de Vilhena», contava-se o representante dos Jovens Presbiterianos Sr. Mário Neves, os escoteiros-chefes srs. Dr. Eugénio Ramos, Fernando de Carvalho, do Grupo 79, e José Varela, do grupo n.º 7, e os antigos escoteiros srs. Eduardo Quintino Pinheiro, Ernesto Clímaco do Nascimento, Armando Rosa, José Dionísio dos Santos, Manuel Leal, e outros cujos nomes não pudemos fixar.



Um aspecto da assistência, vendo-se um friso de guias de Portugal

A primeira sessão de trabalhos

Na noite do dia 24, realizou-se a 1.ª sessão de trabalhos. Foi eleito para presidir o sr. Eduardo Ribeiro, tendo sido nomeados secretários os srs. Capitolino Ferreira Macedo, António Rodrigues e Joel Ribeiro, que imediatamente ocuparam os seus lugares.

Iniciados os trabalhos, foram lidas as conclusões da I Reunião Geral, após o que o chefe Samuel Vieira leu a sua tese «O Escotismo como uma Comunidade de Juventude na Igreja», a qual foi aprovada na generalidade.

Em seguida, o chefe Capitolino Macedo fez a leitura da sua tese, subordinada ao tema «O que o Escotismo espera da Igreja», que também foi aprovada na generalidade.

Na discussão destas teses, intervieram os srs. Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, chefes Armando Lino, Capitolino Macedo e Samuel Vieira e António Pereirinha Pinto, Joel Ribeiro e José Eduardo Ribeiro.

A segunda sessão de trabalhos

No dia 25, à tarde, realizou-se a 2.ª sessão de trabalhos, tendo sido eleito para a presidência o chefe sr. Samuel Vieira.

Lida e aprovada a acta da reunião anterior, foi concedido pelo presidente um tempo para apresentação e discussão de assuntos estranhos à agenda da reunião. O sr. Eduardo Ribeiro apresentou, então, um projecto para a adopção de normas especiais para permitir uma acção mais eficaz nas Alcateias e nos Clãs dos grupos evangélicos da Capital. Depois de estudado o assunto, foram aceitas em princípio essas normas, reservando-se, contudo, para melhor oportunidade a concretização dessas ideias.

A chefe de Alcateia, sr.ª D. Maria Aida Morais de Almeida, apresentou a sua tese sobre «O Lobitismo e a sua Influência na Escola Dominical», tendo merecido a aprovação na generalidade. Na



Outro aspecto da assistência

discussão das conclusões, intervieram os srs. Rev. Manuel Conceição Jr., Eduardo Ribeiro, chefes Armando Lino e Capitolino Macedo, António Pereirinha Pinto e Joel Ribeiro.

O director deste jornal, sr. Eduardo Ribeiro, fez a seguir a leitura do seu trabalho «O Ministério do Escoteiro-Chefe». Embora aprovada na generalidade, foi resolvido que a discussão das conclusões fosse transferida para a sessão da noite, por causa do adiantamento da hora.

A terceira sessão de trabalhos

Continuando o chefe Samuel Vieira na presidência, realizou-se no mesmo dia, à noite, a 3.ª sessão de trabalhos, notando-se a presença de grande número de elementos ligados ao Escotismo evangélico e ainda a do sr. Dr. Eugénio Ramos.

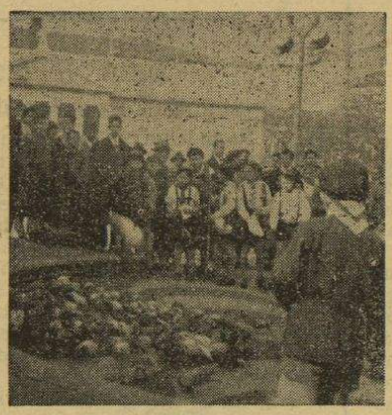
Antes de se entrar na ordem de trabalhos, foi resolvido, entre outros assuntos, enviar telegramas de saudação ao sr. Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal, à Junta Central do Corpo Nacional de Escutas e à Associação das Guias de Portugal.

O sr. Eduardo Ribeiro voltou a ler a sua tese, seguindo-se a do chefe sr. Armando Lino, subordinada ao título «Os Escoteiros Evangélicos Perante o Movimento Escotista Português», e o sr. António Gonçalves o seu trabalho sobre «O Teatro Escotista, seu Valor como Elemento Educativo».

Na discussão destas teses, que foram igualmente aprovadas na generalidade, intervieram os elementos já citados acima.

Seguiu-se um estudo bíblico sobre a natureza e função da Igreja, pelo licenciado em Teologia sr. José Luís Carreiro Jr., o qual interpretou, com bastante clareza, o trabalho da Igreja na consecução dos seus objectivos de renovação da vida. As palavras do sr. Carreiro constituiram uma preciosa lição e foram escutadas não só com agrado, mas com muito proveito por toda a assistência.

um excelente conjunto de actividades de alto nível escotista



Os lobitos dando milho aos pombos



Os directores da União Zoófila rodeados de escoteiros.

A findar a sessão, falou o sr. Dr. Eugénio Ramos para agradecer a forma como tinha sido recebido por todos e para mostrar o prazer que sentia pelo saudável ambiente de concórdia que ali se disfrutava. Terminou, afirmando que no cargo associativo que estava desempenhando contava com os escoteiros evangélicos, que estes poderiam estar certos da sua amigável cooperação.

Assim terminou a última sessão de trabalhos, sendo de assinalar não só a elevação, a clareza e a exactidão de todos os trabalhos apresentados, como também o espírito de franca harmonia revelado por todos quantos se encontravam presentes.

Milho para os pombos da Capital!

No domingo, dia 26, às 3 horas da tarde, de todas as ruas adjacentes surgiram no Rossio dezenas e dezenas de escoteiros e guias, dispostos a fazer a sua boa-acção daquele luminoso dia de Fevereiro. Traziam todos a sua modesta oferenda de milho para os pombos da cidade. Junto da estátua de D. Pedro IV já se encontravam os directores da prestimosa associação União Zoófila, srs. Luís Lopes, Josef Daven e Madame Barrett Campos que, recebidos pela comissão organizadora da II Reunião Geral, cedo se viram cumulados com as ofertas dos escoteiros de Lisboa.

Depois de uma ampla distribuição de milho pelos pombos daquele local, os escoteiros encheram ainda um grande saco com o cereal.

O sr. Dr. Eugénio Ramos, que também estrava presente, proferiu uma breve alocução alusiva ao acontecimento, saudando os directores da União Zoófila e manifestando o seu contentamento pela iniciativa a que acabava de assistir.

De notar, a presença de muitos antigos-escoteiros que amigàvelmente quiseram associar-se a este acto, provando assim que a palavra Escotismo não é vã nos seus corações.

Apresentação da Nova Companhia de Guias

As guias e os escoteiros evangélicos concentraram-se depois na Praça da Figueira, iniciando um desfile até à Rua Febo Moniz, onde se realizou a cerimónia da inauguração da companhia de guias «D. Filipa de Vilhena», no templo da Igreja Evangélica Presbiteriana Lisbonense.

O serviço religioso foi dirigido pelo Pastor da Igreja, o sr. Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, vendo-se no púlpito os srs. Rev. João Soares do Carvalho, o licenciado em Teologia Saul de Sousa, o Director do «Sempre Pronto» e os chefes dos grupos de escoteiros e companhias de guias evangélicos de Lisboa.

Durante a parte escotista, a chefe Sr.ª D. Júlia Ribeiro tomou o compromisso de honra da chefe da nova Companhia, Sr.ª D. Sara Serra e a da subchefe Sr.ª D. Maria Hermínia Pinto. A seguir, as guias da nova unidade prestaram compromisso de honra perante a chefe, tendo os padrinhos feito a entrega das bóinas às respectivas afilhadas.

O Sr. Saul de Sousa efectuou uma parénese ilustrada com o versículo 4 do capítulo 12 da Primeira Epístola de S. Paulo a Timóteo, fazendo o paralelismo existente entre o procedimento cristão e o procedimento das guias e dos eseoteiros.

Antes de findar a cerimónia, o pastor dedicou umas palavras de incitamento às novas guias, felicitando-as pela decisão que haviam tomado e lendo um trecho de Almeida Garrett em que descreve a heróica atitude de D. Filipa de Vilhena.

O Jantar de Confraternização

À noite, numa das salas da Juventude Evangélica Portuguesa, foi servido aos membros da II Reunião Geral um jantar de confraternização em que tomou parte o antigo escoteiro e nosso prezado amigo sr. Eduardo Quintino Pinheiro, assim como várias pessoas interessadas ou ligadas ao trabalho dos grupos de escoteiros evangélicos.

Presidiu o sr. Rev. Carlos de Vasconcelos que estava ladeado pelos srs. Rev. Dr. Manuel da Conceição Jr. e Rev. João Soares de Carvalho.

O repasto decorreu no meio de franca animação e dentro do melhor espírio escotista.

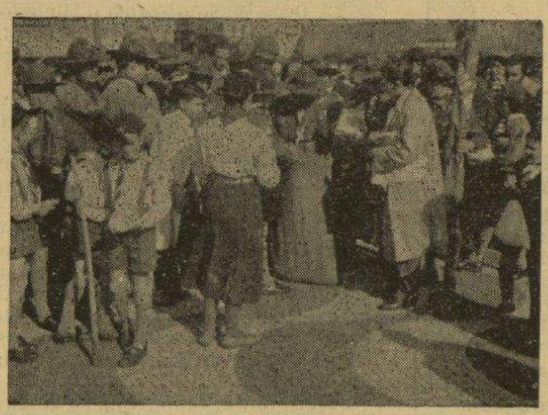
No final, tomou a palavra o director do «Sempre Pronto», que se felicitou e felicitou os presentes pelo êxito alcançado pela II Reunião Geral de Escoteiros Chefes Evangélicos e propôs um voto de agradecimento, pelo acolhimento feito ao noticiário desta actividade, à imprensa diária e à imprensa evangélica. Estes votos foram aprovados por unanimidade e, dada a justiça da sua formulação, no meio do maior contentamento da parte de todos os presentes.

Falou em seguida o sr. Dr. Conceição Jr. que igualmente demonstrou o seu entusiasmo pelo trabalho realizado e traçou as melhores referências ao valor do movimento escotista.

Seguidamente, usaram da palavra os srs. Rev. João Soares de Carvalho, Eduardo Quintino Pinheiro e Feliciano Negreiros, fazendo largos elogios ao espírito escotista que estava reinando entre todos.

O sr. Rev. Carlos de Vasconcelos fechou a série de discursos, depois de lidas as conclusões da II Reunião Geral, que se publicam em separado, afirmando grande simpatia pelo Escotismo, cuja utilidade mais uma vez testemunhou, fazendo votos de que todos pudessem estar novamente juntos na III Reunião Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos.

E, no meio da melhor disposição e optimismo, encerraram-se estas reuniões donde se retiraram resultados tão proveitosos.



Grão a grão enche-se um saco...



Um aspecto do desfile

Conclusões

Da II Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos

Lisboa, 22 a 26 de Fevereiro de 1956

1.º—Reconhece-se a utilidade dos Grupos de Escoteiros estarem anexos a Igrejas de qualquer confissão, com vista a proporcionar aos escoteiros um ambiente efectivamente espiritual e proporcionar-lhes uma maior aproximação de Deus.

2.º—É útil para a Igreja ter no seu seio um grupo de escoteiros para treino e educação dos seus adolescentes, preparando futuros dirigentes laicos para as suas organizações.

3.º—O grupo de escoteiros preenche uma lacuna nas nossas Igrejas, em virtude de não existir outra actividade adequada aos adolescentes.

4.º—É da máxima conveniência que exista um bom convívio entre os membros da Igreja e os escoteiros, mostrando a estes o seu interesse por esta obra.

5.º—Reconhece-se que são maiores os benefícios do que as desvantagens provenientes das actividades de campo nos dias de Domingo, porque os adolescentes são ali rodeados de um ambiente semelhante ao recebido na congregação, mas extensivo a todo o Domingo.

6.º—O grupo de escoteiros tem vantagem em constituir uma classe da Escola Dominical com o seu professor privativo, que poderá ser um dirigente do grupo.

a)—Com referência aos lobitos, sempre que possível, a «Akelá» deveria assumir o cargo de professora da Escola Dominical.

7.º—Sendo o grupo de escoteiros um departamento pronto a colaborar com dedicação na Obra Cristã, convém que a Igreja reconheça a sua utilidade, dando-lhe oportunidades de trabalho e incluindo-o no seu plano de evangelização.

8.º—É imperioso que os obreiros responsáveis das igrejas manifestem a sua compreensão para com a unidade escotista ligada à sua igreja, dando-lhe assistência.

9.º—As igrejas teriam vantagem em possuir uma alcateia de lobitos, pois isto auxiliaria a Escola Dominical, completando a educação das crianças duma maneira agradável e eficaz.

10.º—Reconhece-se, por outro lado, que a Escola Dominical seria útil ao Lobitismo encaminhando para ele as suas crianças e dando-lhe uma boa base religiosa.

11.º—A admissão de crianças na alcateia não deve ser exclusiva de crianças filhas de membros da Igreja ou alunas da Escola Dominical; o seu auxílio deve ser concedido a todas quantas precisem de uma mão amiga para as ajudar a encontrar o verdadeiro caminho.

12.º—Só o homem vocacionado deve aceitar o ministério de escoteiro-chefe, como só a senhora vocacionada deve aceitar o ministério de guia-chefe.

13.º—O ministério do escoteiro-chefe (ou da guia-chefe) exige que ele tenha um espírito jovial, seja capaz de pensar e agir como se um rapaz fosse, tenha uma boa compreensão da natureza da adolescência e um conhecimento individual de cada escoteiro e do meio onde vive.

14.º—O ministério do escoteiro-chefe (ou da guia-chefe) exige que seja uma pessoa com cultura, conhecedora das coisas simples e comuns da vida.

15.º—O grande imperativo do ministério do escoteiro-chefe é o dever de conduzir os rapazes ao conhecimento de Deus pelo testemunho pessoal, pelo ambiente espiritual do grupo, pela descoberta das obras maravilhosas da criação.

16.º—Os grupos evangélicos trabalham e vivem de mãos dadas com todos os restantes escoteiros, seja qual for a sua crença religiosa ou ainda mesmo indiferentes em religião.

17.º—Os grupos evangélicos têm dado ao Movimento Escotista Português toda a cooperação nas actividades locais ou gerais, pugnando por um escotismo sólido e vigoroso.

18.º—Os grupos evangélicos, sem proselitismo, procuram o desenvolvimento espiritual do adolescente como base fundamental do Movimento.

19.º—Que se reconhece que o teatro tem dentro do escotismo uma função altamente educativa.

20.º—Os chefes devem envidar todos os seus esforços para incentivar a cultura da arte de representação e do canto.

21.º—Que a Terceira Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos se realize em Março de 1958.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1956.

Os Secretários das Sessões,

(aa) Capitolino Ferreira Macedo
António Rodrigues da Silva
Joel Ribeiro

Coronel Joaquim Duarte Borrego

Este ilustre antigo escoteiro, um dos fundadores do 2.º Grupo, foi recentemente promovido ao posto de Coronel do nosso Exército, onde tem brilhante folha de serviços.

Felicitamo-lo sinceramente por tão justa distinção.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Os Escoteiros de Lisboa vão visitar a Emissora Nacional

Está marcada para uma tarde de Domingo deste mês, uma visita dos escoteiros de Lisboa à Emissora Nacional, visita que dará início a uma série de actividades de conjunto dos grupos da capital, promovida pelo actual delegado da Direcção.

O escoteiro é cortês e leal, todos os escoteiros são seus irmãos.

PELOS GRUPOS

Grupo n.º 77—Faro

Inauguração da Patrulha Tigre

Por iniciativa desta patrulha, realizou-se no domingo, dia 26 do mês passado, na sede do grupo, uma festa íntima, que começou com um almoço de confraternização entre as três patrulhas Leão, Pavão e Tigre.

Foi inaugurada, também, uma exposição de trabalhos manuais e, à tarde, com a presença das famílias dos escoteiros, efectuou-se uma sessão solene, tendo sido apresentado um relatório das primeiras actividades da patrulha. O escoteiro que organizou esta patrulha dirigiu a palavra aos novos escoteiros.

O ex-guia da patrulha «Leão» ofereceu uma faca de mato ao escoteiro Luís Guerreiro, e esta mesma patrulha colocou na bandeirola da «Tigre» umas fitas como lembrança da sua estimá pela nova patrulha.

Prestaram compromisso de honra os novos escoteiros Henrique da Silva Costa Vasco, Jorge Alberto da Fonseca Xabregas, José Francisco Pereira Rosa, José Jacinto Gonçalves, Machadinho Teresa e José Fernando da Piedade Santos, que ingressaram na «Tigre» e Luís Guerreiro, que ingressou na «Leão». Foram nomeados guia e subguia da nova patrulha os escoteiros António Norberto de Sousa e Cunha e Henrique da Silva Costa Vasco, respectivamente.

A festa terminou com uma parte recreativa, em que colaborou a patrulha «Tigre» do grupo 6 de Olhão. Dirigiu algumas palavras aos escoteiros o Chefe Francisco Nascimento Pina do mesmo grupo.—*C.*

Grupo n.º 1—Lisboa

Este grupo comemora no dia 9 de Abril próximo o seu 44.º aniversário, estando a organizar um programa de festas do qual constam um torneio de voleibol e pingue-pongue, um chá de confraternização naquele mesmo dia, bivaque em Odivelas no dia 15, uma sessão de cinema no dia 19, um almoço no dia 22 e uma sessão solene de encerramento no dia 29, para a qual vão ser convidados os grupos.

• • o • •

DOS AÇORES

Grupo n.º 52—Angra do Heroísmo

No dia 9 de Novembro passado, realizou-se no Monte Brasil uma interessante festa de campo organizada pelo Clã de Caminheiros do Seminário Diocesano de Angra, em que tomou parte um representação do Grupo 52, acompanhada pelo Chefe Moniz Silva.

A festa iniciou-se com o Hino dos Caminheiros pelo grupo coral dos escutas-seminaristas do Clã Bento de Góis, tendo-se-lhe seguido uma palestra do chefe Weber Machado, que se referiu ao objectivo daquela reunião, festejar o patrono do C. N. E., o Beato Nuno Álvares Pereira, cujas qualidades enalteceu, referindo-se ainda à presença dos escoteiros do grupo 52.

O programa constou ainda de diversos números de canto, tendo discursado o assistente do Clã, dr. Caetano Tomás, o professor do seminário dr. Cunha Oliveira e o Chefe Moniz Siva, que agradeceu as palavras de apreço que todos os oradores tinham dedicado aos seus irmãos da A. E. P.

Mais, tarde, realizaram-se ainda jogos e concursos, tendo a festa terminado com o hino do C. N. E.—*C.*

Estudarás melhor tomando



MILO fornece ENERGIAS

À VENDA NAS MERCEARIAS E FARMÁCIAS



Dr. Artur Moniz Silva

Após curta doença, faleceu em Angra do Heroísmo, em 15 de Dezembro p. p., o dr. Artur Moniz Silva Júnior, professor da Escola Industrial e Comercial de Angra e irmão do escoteiro-chefe do grupo 52 dos Escoteiros de Portugal. Era membro da Comissão de Patrocínio daquele grupo. Uma representação dos escoteiros do 52 compareceu no funeral.—*C.*

N. da R.—**Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» acompanham, com muita simpatia, o nosso bom amigo e dedicado colaborador sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva nesta hora de dor, e apresentam-lhe, bem como a seus pais e mais família, condolências muito sentidas.**

Coronel Eduardo Gomes da Silva

Em 10 de Novembro passado, faleceu na cidade de Angra do Heroísmo o sr. coronel Eduardo Gomes da Silva, presidente da comissão de patrocínio do grupo 52 dos Escoteiros de Portugal.

O finado contava 79 anos de idade, era pessoa muito conhecida e estimada na sua terra e um observador atento das coisas que à mesma diziam respeito. Notabilizou-se também nos serviços militares dos Açores, possuindo uma brilhante folha de serviços.

O Grupo 52 fez-se representar no funeral pelo Chefe Moniz Silva e pelo caminheiro guia Norberto Borba e ainda por uma representação de escoteiros, que prestou guarda-de-honra.

Prof. dr. António Augusto Curson

Faleceu em 28 de Fevereiro passado, com 82 anos de idade, o sr. prof. dr. António Augusto Curson, professor catedrático, aposentado, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, casado com a sr.ª D. Ana Adelaide Gonçalves Curson e pai do nosso estimado assinante e antigo dirigente escotista sr. Dinis Augusto Curson.

O sr. prof. Curson que foi presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal antes de 1918, era uma figura muito prestigiosa, notável pelos seus grandes conhecimentos económicos e financeiros, tendo publicado numerosos trabalhos sobre estes estudos e sobre legislação aduaneira, foi ministro do Comércio e Comunicações e Director Geral das Alfândegas.

À família enlutada, particularmente ao nosso estimado assinante sr. Dinis Augusto Curson, «Sempre Pronto» apresenta sentidas condolências.

• • o • •

Agente-Correspondente em Faro

Em virtude de ir prestar serviço militar, suspendeu a sua actividade como nosso agente-correspondente em Faro, o nosso bom amigo e irmão-escoteiro Fernando Rosa da Conceição Matos, que no desempenho deste cargo prestou relevantes serviços ao «Sempre Pronto», merecendo justo louvor a pontualidade e dedicação com que colaborou no seu jornal.

Foi designado para o substituir e já aceitou o cargo, o dedicado escoteiro do grupo 77, António Norberto de Sousa Cunha, um amigo também do nosso jornal, que tem já colaborado nestas colunas, e que, estamos certos, será um digno substituto do nosso ex-correspondente. Apresentamos-lhe as boas-vindas e agradecemos-lhe a colaboração.

Homenagem ao jornal «O SÉCULO»

Integrado no programa das comemorações do 99.º aniversário de Baden-Powell, realizou-se na sede do Grupo n.º 2 uma sessão solene e que foi evocada a memória do fundador do Escotismo.

Nessa sessão, foi também recordada a grande contribuição que «O Século» prestou à difusão do Escotismo em Portugal. Sem dúvida que o nosso Movimento encontra sempre na imprensa portuguesa um apoio e interesse dignos de todo o nosso reconhecimento, mas não podemos esquecer que nos primeiros dias do escotismo em Portugal, quando era ainda uma ideia ignorada do público e ainda mal os primeiros escoteiros tinham surgido, foi «O Século» que, pela pena do dr. José Pontes e Paulo Osório, apresentou o Escotismo ao público e divulgou as suas finalidades.

O acto, que foi presidido pelo dr. Eugénio Henriques Ramos, delegado da direcção dos escoteiros de Portugal, teve a presença de representantes dos serviços diplomáticos de diversos países e diversos dirigentes e antigos escoteiros.

À tarde, os escoteiros visitaram as instalações do jornal «O Século», onde foram recebidos pelo sr. Luís Figueira, a quem fizeram entrega de um pergaminho contendo uma saudação ao director daquele diário alusivo à homenagem prestada.

Os grupos de escoteiros e as companhias de guias evangélicos, que àquela mesma hora tinham outras actividades, associaram-se às homenagens enviando um telegrama ao director de «O Século».

• • o • •

No Ateneu Comercial de Lisboa

No dia 23 de Fevereiro, realizou-se uma sessão comemorativa deste aniversário, com a presença de escoteiros e do sr. dr. Tovar de Lemos, presidente da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

O sr. dr. Eugénio Henriques Ramos dirigiu a palavra aos escoteiros, falando-lhes sobre o significado da felicidade segundo o conceito de Baden-Powell, em palavras muito apreciadas por todos.

Seguidamente foi apresentado um interessante programa de filmes escotistas e culturais.

A lealdade era a característica que acima de tudo distinguia os cavaleiros.—B.-P.

Ora faça o favor de rir...

EMPREGO DE RESPONSABILIDADE

Um sujeito, já de meia-idade, procurava ser admitido para um lugar vago num escritório de uma grande empresa. O Chefe do Pessoal, não encontrando no candidato as qualidades exigidas para aquele emprego, esclarecia:—Precisamos de uma pessoa de responsabilidade.

«Então eu sirvo—interrompeu o candidato—no emprego onde trabalhei vinte anos, sempre que aparecia alguma coisa mal feita, era minha a responsabilidade».

ESTATÍSTICA

Na repartição de estatística, duas funcionárias preenchendo mapas de rendimento colectável:—Olha, Alice, está aqui outro em boas condições: 25 anos, solteiro, 1.500 contos por ano.

ENTRE AMIGAS

Ela—*O Luís quer casar comigo mas só ganha 1.500$00 por mês!*

A amiga distraída—*Não te apoquentes com isso. Para quem ama, um mês passa-se num instante.*

Espírito Escoteiro...

Um telegrama da «Ani», distribuído à imprensa e publicado nas «Novidades», refere que o governo da cidade de Somersworth, New Hampshire, foi entregue aos escoteiros no sábado, dia 25 de Fevereiro passado, e acrescentava que, na opinião de todos, os escoteiros tinham conseguido ser corajosos e honrados ao mesmo tempo.

A primeira pessoa a ser presa, por ter feito uma manobra proibida com o seu automóvel, em frente da Câmara Municipal, foi o chefe da polícia. Teve de ouvir uma lição de moral do «juiz» de 12 anos, Thomas Chevlin.

A segunda prisão foi a do Conselheiro Louis Chasse, que atirou neve para a rua. O «juiz» Chevlin condenou-o a retirar a neve, armado de uma pá, ou a pagar uma multa de 25 dólares. O Conselheiro escolheu a primeira alternativa.

Isto foi, sem dúvida, um experiência interessante. Talvez a ideia possa ser adoptada entre nós, mesmo nos quadros associativos...

O escoteiro deve ser leal à família e aos amigos e apoiá-los tanto na adversidade como na prosperidade —B.-P.

350 Libras renderam os selos de correio oferecidos à Repartição Internacional

A Repartição Internacional de Escotismo, com vista a reunir fundos para auxiliar o desenvolvimento do Escotismo no Mundo, lançou em 1955 campanha, «Stamp Scheme», para recolha de selos de correio, sobretudo usados.

Em muitos países esta campanha foi secundada por escoteiros, antigos escoteiros e até mesmo amigos do Escotismo. Portugal colaborou também nesta campanha. É por isso muito interessante saber-se agora que os selos recolhidos renderam 350 libras.

A Repartição Internacional lembra que cada selo que lhe for remetido em 1956 será uma contribuição para o incremento do Escotismo. O lema da campanha em 1956 será «Serve by Saving!».

Os selos podem ser remetidos por intermédio do «Sempre Pronto» ou directamente para 132 Ebury Street, London, S. W. 1, England.

Quem não quiser ser leal, se tiver uns restos de honra e brio, demite-se do seu lugar.—B.-P.